

15-06-2020

## Como olhar um cachorro louco

**Eguimar Felício Chaveiro**

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Quando eu era criança, a partir de junho eu me preparava: em agosto, sem dó e sem pena, eles chegariam, eles, os cachorros loucos. Em agosto os cachorros loucos saíam desembastados pelas ruas procurando gente, perseguiriam também seus próprios irmãos cachorros, gatos, ratos e, inclusive, árvores, para mordê-los sem nenhuma piedade.

Ao morderem - pensavam os cachorros loucos da minha infância - a sua loucura seria multiplicada e, ao multiplicá-la, cumpririam o seu grande objetivo: enlouquecer o mundo, gerar o mundo do cão louco. Logo depois fui aprender: todo psicopata vê o mundo a partir de sua psicopatia, o perverso quer perverter o mundo.

Com frequência, os doentes querem adoecer o mundo.

A loucura dos cachorros loucos, portanto, era um modo de ver o mundo... Certa vez o prefeito da minha cidade construiu um canicômio. Haveria de fazer alguma coisa, já não se conseguia enjaular os cachorros loucos.

Depois descobrimos: tal prefeito havia lido o livro *O Alienista*, de Machado de Assis. Entretanto, nem a leitura de Machado, muito menos o canicômio conseguiram promover uma solução: a loucura, uma vez instaurada, é difícil de ser saneada. E pior: pode haver cães oprimidos que acreditam que a loucura do dominante é a sua solução. Por meio dessa crença, os oprimidos latem cegamente com a voz do opressor. Como se vê, ninguém está a salvo da loucura, pois ela pode encantar os que não possuem a consciência de sua classe. Mesmo protegido pelos meus pais cheguei a ver alguns cachorros loucos.

Tinham olhos de ódio, eram ressentidos, magoados, faziam a sua política - de transmitirem a sua loucura por mordidas babentas - baseando-se na personalidade autoritária, conceito bem definido pelo filósofo, sociólogo, musicólogo e compositor alemão Theodor Adorno. A personalidade autoritária não aceita o diálogo, nem o que é diferente e, pior, atua para contaminar os pobres de espírito.

Exercem a sedução moralista. Os cachorros loucos, mergulhados no ódio, como representantes ativos da personalidade autoritária, não se importam com sexo, com festa e muito menos com solidariedade. Querem mostrar força a encastelarem-se narcisicamente no seu poder nefasto. Sob a paranoia odiosa jamais aceitam o diálogo, a reflexão, a interrogação de suas verdades petrificadas.

Ao fazerem tabela com o delírio louco da massa, manietando-a, os cachorros loucos saíam, em agosto, às ruas, para defender ditaduras militares, seja no Chile, na Argentina e, especialmente, no Brasil.

Latiam com focinho de Hitler para insultar quem, por acaso, quisesse a lucidez, a sensibilidade, o amor solidário. Elogiavam a tortura, do mesmo modo que se colocavam como bastião moral da pátria. Amavam cantar o hino nacional e dar continências. Para isso, num tremendo disfarce, às vezes latiam em forma de louvorzões; ou fingiam que rezavam, proferindo insultos a tudo o que parecia diferente de sua loucura covarde.

Certa vez, uma matilha de cães, com fardas roubadas do exército, foi para a rua homenagear Auschwitz.

Os cachorros loucos amam a morte. São sádicos, vivem da dor do outro. Inclusive, da morte dos pobres. Um dia, com muita pesquisa, inventaram uma vacina contra o enlouquecimento dos cachorros. Aliás, nessa pesquisa descobriu-se que os cachorros loucos, com armas em punho e impropérios na boca, queriam todos ser Pitbull no seu país, mas eram, de fato, pequenas gazelas frágeis e docéis diante dos cachorrões dominantes dos Estados Unidos da América. Com a vacina, na minha cidade não há mais cachorros loucos em agosto. Ou seja: agosto não é mais o mês do cachorro louco. Contudo, houve um problema mais grave que a loucura canina da minha cidade. Algumas pessoas ficaram com germens da loucura canina daquele tempo. Essas pessoas estão por aí em vários lugares; estão no Estado, nas instituições, nos ministérios, nas igrejas, nas entidades governamentais de cultura. Por isso, somos governados pela insanidade - e há quem a aprove -.

E não há vacina para conter a ânsia de poder dos loucos afetados pelos cachorros loucos. Essas pessoas originadas dos cachorros loucos de minha cidade agem com a personalidade autoritária, vestem-se como as pessoas comuns, oram, embora ricos falam de maneira simples, fingem proximidade com a massa porque querem a sua cumplicidade mórbida. Urge, pois, que saibamos ver um cachorro louco. Aliás, urge que saibamos aprender a ver essas pessoas que possuem a personalidade autoritária dos cachorros loucos. Essas pessoas querem nos morder com o seu ódio. Depois de estudar a matéria durante quatro décadas, posso lhes apresentar algumas pistas para se ver um cachorro louco. O cachorro louco possui um narcisismo extremo; age para exterminar todo aquele que não faz parte de seu time; cria uma fixação por um inimigo e se coloca como um mito. Demonstra autoridade pela força, mas é frágil para dialogar. Possui muito prazer em hipnotizar a massa. Beneficia-se do medo, por isso finge ser corajoso. Trabalha para ser representado como um super-homem; mente descaradamente. Considera que ainda vive na Casa Grande, e todos os seus opositores são os desvalidos das senzalas. Não se importa com a desigualdade social, com a pobreza, com a injustiça ambiental.

Mostra-se como um animal, mas, sob um olhar profundo, nem é cachorro, é burro, porque em sua inocência burral e brutal não sabe falar de amor e liberdade.

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*